

---

SANTOS, Edmar Ferreira. **O poder dos candomblés**: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia. Salvador: EDUFBA, 2009.

---

Feitiços, perseguições, resistências, bozós, controle, candomblés, batuques, poder, mídia, racismo... Esses temas integram o enredo do livro ‘O Poder dos Candomblés – Perseguição e Resistência no Recôncavo da Bahia’ do historiador Edmar Ferreira Santos. O cenário da trama é a histórica “cidade do feitiço”, localizada no Recôncavo Baiano: Cachoeira. Os personagens principais são o povo-de-santo e a imprensa Cachoeirana.

Edmar Ferreira revela em seu livro o poder da imprensa local demonstrado nas campanhas contra os candomblés, e as estratégias discursivas de dominação utilizadas nos jornais da época e, muito especificamente, pelo jornal A Ordem, sua principal fonte de pesquisa, publicado em Cachoeira entre os anos de 1901 e 1934, além de reportar-se ao jornal O Norte e a outros documentos preservados em arquivos pessoais para (re)contar essa história.

O autor, ainda, refaz a memória da repressão aos candomblés de Cachoeira, desvelando as perseguições sofridas pelo povo-de-santo, empreendidas pela imprensa e pela polícia, através de múltiplas vozes, a exemplo de Luiza Franquelina da Rocha – Gaiaku Luiza – que, como ele próprio nos informa, foi uma renomada sacerdotisa jeje mahi, do seu irmão Eugênio Rodrigues da Rocha, dentre outros tantos envolvidos nessa teia de disputas políticas, sociais e religiosas.

Manter o controle sobre a população negra era o principal objetivo das elites dirigentes de Cachoeira, naquela época, conforme nos mostra Edmar Ferreira em seu livro, e para isso era preciso garantir “a ordem e a civilização”, reprimindo, de forma contumaz, as práticas culturais e religiosas afro-baianas. O discurso civilizador da imprensa muito serviu para esse intento.

Edmar realizou um meticuloso levantamento nos jornais daquele período para elucidar as noções de civilização que sustentavam este discurso, pois, segundo ele, “o discurso civilizador dissimulava o racismo que trespassava as relações sociais”. A modernização urbana, a valorização do trabalho e a repressão à vadiagem, a repressão aos divertimentos populares, a economia dos



hábitos, das falas e dos gestos, o expurgar da cidade as heranças africanas eram *metas* perseguidas pelos setores letrados da cidade para o *bem da civilização*.

O jornal A Ordem, cuja circulação era a mais expressiva no interior da Bahia, foi o principal articulador desta campanha contra as práticas culturais e religiosas afro-baianas em Cachoeira, contribuindo para a construção desta cidade como a “cidade do feitiço” e representava o pensamento “dos setores dominantes da sociedade do Recôncavo que classificavam os sambas, batuques e candomblés, como o que havia de mais atrasado na sociedade, herança da África trazida por escravos ignorantes”, afirma Edmar Ferreira.

O livro apresenta, ainda, uma importante geografia dos candomblés de Cachoeira nas três primeiras décadas do século XX com o intuito de retratar as “experiências compartilhadas em espaços forjados no conflito pela sobrevivência e, também, pela existência”, bem como aborda o silenciamento temporário de alguns candomblés, na década de 1920, devido à forte repressão policial, como uma significativa estratégia de resistência, o que ele chama de *resistência silenciosa*, refletida, ainda, na disseminação dos bozós pelas ruas da cidade.

Ressalta-se aqui a confirmação do autor que essa resistência nem sempre foi tão silenciosa, pois se as estratégias de controle se deslocavam com o passar dos tempos, as estratégias de resistências também. Mãe Judith é um exemplo disso, ela foi “a primeira mãe-de-santo baiana que se tem notícia a se expor publicamente na imprensa em defesa da sua religião”, fato destacado no livro em questão. É possível depreender do episódio o relevante papel das mulheres do candomblé, tão veemente perseguidas pela imprensa e pela polícia, nesse espaço de conflito.

Assim como esse, vários outros episódios são analisados por Edmar no decorrer do texto para discutir as formas encontradas pelo povo-de-santo para preservar e praticar as suas crenças e, sobretudo, para resistir ao violento controle e perseguição. Tais práticas eram consideradas, ainda, uma ameaça à hegemonia da Igreja Católica, o que tornava mais acirrada a disputa pelo espaço religioso.

Encontra-se no livro uma série de fragmentos do jornal A Ordem contendo denúncias dos sambas e batuques ocorridos pela cidade, exigindo atitude repressora da polícia, transformando heranças africanas em caso de polícia. Entretanto, o autor apresenta dados relevantes da proteção de autoridades aos candomblés, demonstrando a importância das negociações por parte de mães e pais-de-santo, para manutenção dos seus cultos.

Merece destaque a discussão do autor sobre a *retórica do fetiche* para desvendar como a imprensa construiu um estereótipo da feitiçaria vinculado aos candomblés, atribuindo a curandeiras e curandeiros a autoria de supostos crimes. A retórica do fetiche, vale ressaltar, foi apropriada pelo discurso médico-higienista e pela imprensa para engrossar a rede de perseguição aos candomblés.

Assim, a pesquisa de Edmar nos revela como a “persistência e eficácia das mães e pais-de-santo” de Cachoeira garantiram a “preservação e recriação de suas heranças ancestrais” e o prestígio dos serviços religiosos e terapêuticos realizados na cidade, procurados por pessoas de diferentes regiões do Brasil e mesmo do exterior, pela segurança de se submeterem a trabalhos reconhecidamente “bem feitos” e vinculados à tradição africana.

**Claudia Rocha da Silva**

Mestre em Educação e Contemporaneidade (UNEB). Professora da UNEB, Pesquisadora do CEPAIA e Membro fundadora do Grupo de Pesquisa Firmina: Pós-colonialidade, Educação, História e Ações Afirmativas.  
kaufirmina@gmail.com

